



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 27 DE NOVEMBRO, DE 2023 - 21H00



“O Cerco”, de António da Cunha Telles (1970)

Realização: António da Cunha Telles; Assistente de realização: Vergílio Correia; Argumento: António da Cunha Telles; Diálogos: Gisela da Conceição, António da Cunha Telles, Carlos Manuel Rodrigues e Vasco Pulido Valente; Direcção de fotografia: Acácio de Almeida; Música: António Victorino d'Almeida; Montagem: António da Cunha Telles; Assistente de montagem: Gisela da Conceição; Som: João Diogo; Misturas: Hugo Ribeiro; Produtor delegado: Vergílio Correia

Com Maria Cabral (Marta), Miguel Franco (Vitor Lopes), Rui de Carvalho (Dr. Alves), Mário Jacques (Carlos), David Hudson (Bob), Óscar Cruz (Rui), Lia Gama (dona da boutique), Zita Duarte (amiga de Marta), Manuela Maria (Suzette), Armando Cortez (engenheiro), Edith Sarah (manicura), Oswaldo Medeiros (dono do stand), Óscar Dimas, Luís Capinha (António Helder), Ruy de Matos (encenador), José Guerra e Silva (chefe Rebelo), Mário Rocha (Martins) e Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação

Duração: 120 minutos; Estreia: 14 de Outubro de 1970 no Cinema Estúdio (Lisboa)



Valerá a pena recordar a carreira do seu autor, António da Cunha Telles, surgido em inícios dos anos 60 em Lisboa, regressado de França, onde completara o curso do IDHEC (realização - produção). Foi, aliás, pela produção que ele se principiou, movimentando-se de forma a permitir que um conjunto de jovens, vindos da crítica e do cineclubismo na sua maioria, conseguisse rodar os seus primeiros trabalhos. Aconteceu com Paulo Rocha (Verdes Anos e Mudar de Vida), Fernando Lopes (Belarmino), António de Macedo (Domingo à Tarde), Faria de Almeida, entre outros. Para além disso, trouxe até nós, em regime de co-produção, alguns cineastas franceses como Pierre Kast (Triângulo Circular), François Truffaut (Angustia), Jacques Doniol Valcroze, ou o luso-francês Carlos Villardebó (As Ilhas Encantadas).



Após um período de certa euforia, durante o qual Cunha Telles. foi apontado como o homem providencial que salvava o cinema português, o silêncio. Já nessa altura o cinema português era demasiado caro - apesar de excessivamente barato, em termos absolutos — para o diminuto mercado que conseguia atingir e o resultado da aventura dessa produtora foi a falência. Uma falência gloriosa, apetece sublinhar, já que permitiu acalantar algumas esperanças e demonstrar que existiam em Portugal jovens capazes de fazer cinema, ao lado de outros que teimavam em mantê-lo vivo, apesar de todas as dificuldades e do peso opressivo de uma censura férrea (Manuel Guimarães, com O Crime da Aldeia Velha, foi outra das apostas de Cunha Telles).

Acontece que, depois de Cunha Telles ter desaparecido como produtor, ressurgia em 1969 como realizador de O Cerco, um argumento de sua autoria, que escolhia Lisboa como cenário cinzento para o deambular de Marta (esplêndida revelação de Maria Cabral), uma mulher-menina de rosto relampejante de vida, que os acasos e os encontros vão destruindo lentamente, à medida que o cerco se vai fechando sobre si mesma. O retrato é o de uma média burguesia que pisca furiosamente o olho á sociedade de consumo, mas que nunca deixa de ser uma pequenina selva caseira e provinciana enredada nas malhas que o Império tecia.

Maria Cabral era o rosto luminoso que o espelho da cidade irá corroer, triturar, reduzir. Burguesa perdida entre um aeroporto que a liga ao desconhecido e um marido «progressista», que se alimenta dos cofres paternos para assim não «sujar as mãos» da sua mediocridade literária, Marta é a mulher-menina disponível que, resolvendo cortar com o passado, irá entregar-se à fácil voragem da cidade, do perigoso jogo de viver equilibrada no fio de uma ameaça permanente, que não deixará de se fazer sentir. Obra pessoal, amadurecida na desilusão de um tempo difícil, por vezes ingénua na sua sinceridade, talvez por tudo isso amarga e desencantada, mas conservando a pureza possível e a alegria de viver indispensável, O Cerco é bem uma forte sugestão para a sua noite de hoje.

Lauro António

in "A Capital" 12.08.1982



Filmografia de António da Cunha Telles (longas-metragens)

"O Cerco" (1970), "Meus Amigos" (1974), "As Armas e o Povo" (1975), "Continuar a Viver ou Os Índios da Meia-Praia" (1976), "Vidas" (1983), "Pandora" (1993), "Kiss Me" (2004)